

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: ANÁLISE DE COMO OCORRE ÀS VARIAÇÕES EM NÍVEL DE ESTADOS NO GÊNERO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA REGIÃO NORDESTE.

Poliana Mireli Barbosa Leite (UPE)
polymireli@hotmail.com

Introdução

O gênero histórias em quadrinhos (HQs) se tornou um componente central da cultura contemporânea, com uma bibliografia tão extensa, que seria comum insistir no que todos sabemos de sua aliança inovadora, desde o final do século XIX, participa da arte e do jornalismo, é a literatura mais lida, sendo atração em públicos de várias classes, em todos os membros da família.

Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis e dinâmicos. Surgem emparelhados as necessidades e atividades socioculturais.

É sabido que dentro de cada variedade há tensões e grupos sociais com traços próprios, sendo assim em cada variedade linguística existe variação interna em função dos vários critérios: idade, sexo, escolaridade, regionalismo, etc. Como o objeto de estudo é a variação, entendemos-na como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Logo, partimos do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Tais fatores são também referidos como variáveis independentes, no sentido que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso como sendo sistemáticas e estatisticamente previsíveis.

Com isso, o presente trabalho tem a finalidade de verificar quais são as variantes linguísticas que aparecem entre os estados do Nordeste. Baseando-se nos conceitos de Variação linguística (MOLLICA, 2008; BAGNO, 1999), em estudos sobre Gêneros Textuais, especificamente sobre Histórias em Quadrinhos (MENDONÇA, 2002; MARCUSCHI, 2002) e em pesquisas sobre Gêneros Textuais (MARCUSCHI, 2000). Trata-se de uma pesquisa que adota aporte metodológico em análise de histórias em quadrinhos em relação à variação dialetal em pelo menos dois dos nove estados que compõem a região Nordeste. Para isso, vamos analisar histórias em quadrinhos das regiões rurais no nordeste e da Bahia, quadrinhos da Turma do Chico Bento, que trazem traços característicos na linguagem nesses locais.

1. Aspectos metodológicos da pesquisa

O *corpus* de nosso estudo foi coletado em um Almanaque Temático Turma da

Mônica¹, e em um blog sobre a variação no português falado no estado da Bahia². Seleccionamos esse material porque, conforme é sabido, é comum tais quadrinhos apresentarem características regionais, evidenciando aspectos em relação às variáveis na fala. Para analisar o material recorreremos aos estudos de variação linguística, linguagem e contexto, privilegiando a relevância das variáveis linguísticas e o gênero histórias em quadrinhos, isso porque nosso objetivo é identificar nas variações regionais como ocorrem em relação ao aspecto lexical e fonológico, a seguir descreveremos sobre variação linguística e aspectos geográficos ou regionais, o gênero histórias em quadrinhos, um pouco da história da colonização brasileira e aspectos que caracterizam a fala no estado da Bahia e na região rural e urbana.

Ademais, o gênero HQ é um material que mesmo sendo de âmbito nacional evidencia as variantes linguísticas de algumas regiões com legitimidade mesmo não sendo produzidos na região em tela. Focamos o estudo em variação, pois é um assunto de grande importância que deve ser compreendido para que com propriedade e não com preconceito seja discutido por todos, e que ainda levanta muitas polêmicas. Baseamos-nos, em estudiosos de variadas vertentes: linguística textual, sociolinguística, sociologia da linguagem, pois tais estudos esclarecem assuntos relevantes à realização de nossa pesquisa sobre variáveis regionais, fazendo assim com que a análise seja mais apropriada e efetiva.

Com isso o presente trabalho tem a finalidade de analisar como ocorre a variação dialetal no gênero histórias em quadrinhos da Turma do Chico Bento que trazem traços da linguagem característica da Bahia (Salvador) e de regiões rurais e urbanas em outros estados, caracterizá-las destacando aspectos dialetais na fala da personagem Chico Bento.

2. Variação linguística: retomando alguns conceitos

As variações linguísticas são modos diferentes que temos de nos expressar por meio da linguagem. As alterações que a língua vai sofrendo podem ocorrer pelo menos em duas dimensões: tempo e região. A maneira como alguém se expressa é muito importante, dependendo do local e momento em que estar ela pode sim estar “correta” em sua forma de expressão, independentemente da variedade que utilize, pois não podemos falar que existe forma certa ou errada no uso da língua e sim situações de adequação.

Quando uma pessoa fala uma variação de linguagem diferente do padrão, que está prescrita nas gramáticas e alguns autores falam em linguagem culta, pois linguagem culta é justamente a variação se falamos em coisa culta, a maioria não cultiva a gramática e sim os estudiosos, então linguagem culta, são as variações, pois o povo cultiva a própria língua o próprio dialeto. E o preconceito em relação à fala de uma pessoa não deve continuar porque a variação é particular a cada meio variando até por ambiente de trabalho, classe social, tempo, sexo, até mesmo pela forma de prestígio que tende predominar na fala feminina.

Essas variações são divididas, principalmente, em três tipos, a saber: 1. De acordo com o contexto histórico, temos a reconhecida *variação diacrônica*; 2. Segundo o grupo social, a variação é chamada de *diastrática*, e 3. *Variação geográfica ou regionalismo*, que corresponde a modificações que ocorrem na linguagem de acordo

¹ Almanaque nº 23, intitulado “No Parque”.

² O blog em questão é o www.epistomologando.blogspot.com.br, acesso em 20/08/2012.

com a região de origem do falante; nesse caso, os chamados fatores diatópicos influenciam os povos que existem e ou existiram no Brasil, desde antes da colonização.

As variações socioeconômicas, são as que ocorrem com as pessoas que não tiveram acesso a escola ou tiveram muito pouco e no modo de falar modificam as palavras que não sabem ler, são as pessoas que chamamos de analfabetos funcionais, decodificam mais não interpretam, então o que estas fazem, criam elas mesmas as palavras ou modificações no modo de falarem como, por exemplo, a troca do L pelo R é uma característica que tanto pode ser social como pode ser regional, essas construções não ocorrem somente no campo fonético mais também no modo sintático. Segundo Mollica (2008, p. 9),

“Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo”.

A principal variação encontrada, nessa pesquisa, até porque era nosso objetivo, foi a variação regional (usada na cidade e a linguagem usada fora da cidade, urbana e rural). A urbana é considerada como a maneira correta de falar a língua portuguesa, a rural seria então as modificações na maneira de falar que ocorrem nas transposições dos fonemas, sendo este um fator advindo da história do Brasil, pois quem ficava na área rural eram os escravos e eles falavam as línguas africanas, foram eles que trouxeram essas transposições, como por exemplo, a palavra *sinhô* que vem da forma que os escravos chamavam o seu senhor de *sinhô*, *sinhá*. Aí se entende de onde vem o preconceito linguístico, já que eram escravos, a maneira de falar foi considerada errada. Antes de analisarmos o corpus da pesquisa, vamos recuperar alguns estudos sobre o gênero HQ.

3. Gênero textual HQ: algumas perspectivas

As HQs no Brasil foram publicadas inicialmente no século XIX, adotando um estilo satírico conhecido como cartuns, charges ou caricaturas e que depois se estabeleceria com as populares tiras. A edição de revistas próprias de histórias em quadrinhos no país começou no início do século XX. Surgiram através dos jornais até conseguirem autonomia, conquistando assim um público diversificado, com isso passaram a ser ilustradas em publicações especializadas, os gibis. Permanecendo no jornal até os dias atuais e também em outros veículos midiáticos.

Grande parte dos gibis brasileiros é dedicada a um personagem, sendo esse o gibi comum (Tio Patinhas). Há aqueles que são dedicados a um grupo de personagens, os almanaques, no caso (Almanaque Turma da Mônica). E as coletâneas de HQs, em forma de livro (Mafalda). Também se constituem como suportes cada vez mais comuns para a circulação desse gênero. Segundo Mendonça (2002, p. 198), baseando-se na proposta de Marcuschi (2000), “as HQs realizam-se no meio escrito, mas buscam reproduzir a fala (na grande maioria a conversa informal) nos balões, com a presença constante de interjeições, reduções vocabulares, etc.”

Como as HQs selecionadas foram produzidas por Mauricio de Sousa, julgamos necessário contar uma breve biografia dele. Mauricio Araújo de Sousa nasceu em Santa Isabel-SP, criador da Turma da Mônica que é um sucesso. Um dos mais famosos cartunistas do Brasil, e membro da Academia Paulista de Letras.

Mauricio de Sousa criou vários universos de personagens. Também é possível classificar esses universos como "turmas" de alguma personagem, como a Turma do Chico Bento - uma turma de crianças vivendo num meio rural, típico de cidades pequenas no interior do Brasil. Levando em consideração que é um gênero lido por todos os membros família e segundo Mendonça (2002), "as HQs podem ter uma função didática, sendo utilizadas para dar instruções ou para persuadir, em campanhas educativas." Dependendo do objetivo que um professor queira atingir as HQs podem ajudar nesse processo, podendo ser feitas diversas atividades que ajudem os alunos no entendimento de variados assuntos, como por exemplo, classificar pronomes que venham a ocorrer nas HQs ou interpretar imagens e texto, podendo também com outras imagens produzir HQs. Portanto é um gênero que pode ser explorado como qualquer outro gênero utilizado no ambiente de ensino-aprendizagem. Observaremos a Turma do Chico Bento a seguir na análise das variáveis estaduais.

4. HQs: Analisando as variações entre a Bahia e regiões rurais e urbanas

Como a principal variação encontrada foi a correspondente à região (língua urbana e rural). A urbana é considerada como a maneira correta de falar a língua portuguesa, a rural seria então as modificações na maneira de falar que ocorrem nas transposições dos fonemas, sendo este um fator advindo da história do Brasil.

Foi no Nordeste do país que primeiramente a língua portuguesa se fixou em nosso território. O início da colonização portuguesa se deu justamente entre os estados de Pernambuco e Bahia, enquanto outras partes do país só viriam a receber a influência lusitana bem mais adiante.

Quando fomos colonizados pelos portugueses, as duas primeiras vertentes da língua, pode-se dizer assim, foram Pernambuco e Bahia, porque ficavam mais próximas ao Velho Continente. Havia um porto em Recife, outro em Salvador. Mas, os estados eram divididos por uma barreira natural, o Rio São Francisco. Salvador se tornou a capital do Brasil.

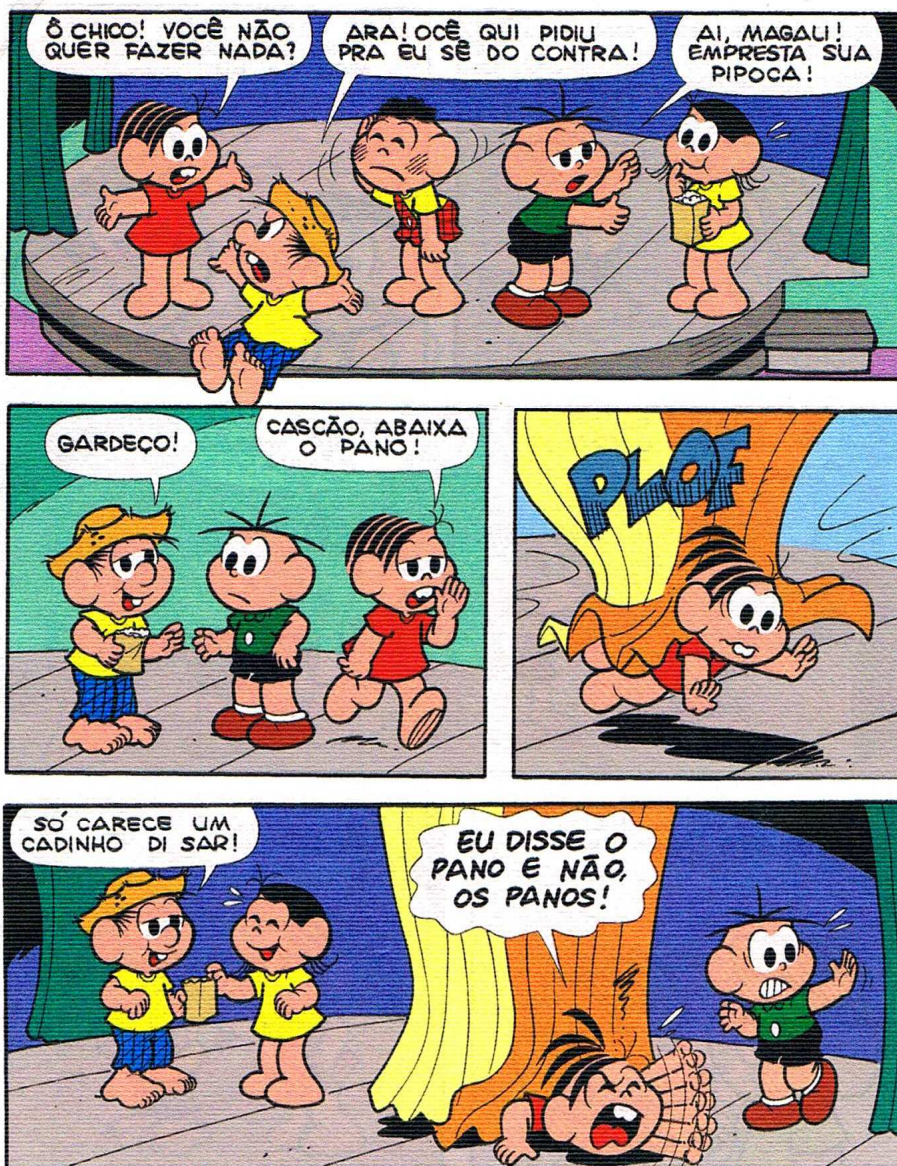
A modalidade de português falada nessa região foi se arcaizando durante a evolução do país. Em Portugal o português avançou. O que veio para o Brasil foi o português dos colonos, dos degredados, das prostitutas, jesuítas que foram para o Sul e que na maioria eram espanhóis.

Sobre as diferenças características entre a forma de falar dos baianos e dos pernambucanos, barreiras naturais impedindo que, antes da construção de pontes sobre o rio (São Francisco), houvesse uma troca cultural mais intensa. Pernambuco mandava do lado esquerdo do São Francisco e a Bahia, do direito. Pernambuco, então, levou a língua para todo o nordeste até o rio Parnaíba, que era outra barreira natural. Com o tempo tivemos outras mudanças (que influenciaram o falar local): vieram os holandeses; nós éramos um porto até meados do século XX bastante movimentado.

Quer dizer, os Pernambucanos tiveram uma história diferente da Bahia e do resto do Brasil. Durante os dois primeiros séculos de colonização, a Bahia e Pernambuco foram os dois maiores centros. Tanto que o movimento literário Barroco foi na Bahia e Pernambuco. Depois a exploração das minas de ouro, e deslocou-se o centro dos interesses para Minas Gerais, quando surgiu o Arcadismo. Depois disso, o interesse se desloca para o Rio de Janeiro, porque em 1808 a família real vem para o Brasil.

Em relação à cultura, a Bahia se destaca no quesito diversidade até mesmo por seu passado histórico. Segundo o blog epistemologando³ Tudo isso deu ao baiano uma característica que encanta no jeito de falar, tendo uma distinção na forma de expressão baiana sendo vasta em relação às varias significações quando comparada aos outros estados brasileiros e em decorrência a tamanha significação há um dicionário do Baianês criado por Nivaldo Lariú⁴.

4.1 Quadrinho que traz aspectos da linguagem rural e urbana típica de cidades pequenas no interior do Brasil



150

Tirinha 2: Turma da Mônica em Ser Criança é Bom!

³ O blog em questão é o www.epistemologando.blogspot.com.br, acesso em 20/08/2012.

⁴ Sobre o autor do dicionário <http://veja.abril.com.br/091298/p106.html>, acesso em 21/08/2012.

Nesta tirinha, recortada da HQ Ser criança é bom! É narrado um episódio em que Chico Bento vai ao parque com a Mônica, Cebolinha e Cascão, lá resolvem entrar no teatro para brincar de encenar com variadas brincadeiras criadas por eles, cantam divertem-se e sem perceberem estão sendo assistidos por uma multidão que tomou o teatro, quando iam saindo do teatro são surpreendidos por uma outra personagem, esta revela que eles fizeram o show. No exemplo mostrado, observamos que a fala da personagem Chico Bento distingui-se das demais personagens no aspecto dialetal referente a áreas rurais do Brasil. Já a linguagem das demais personagens são referentes ao dialeto considerado o usual em áreas urbanas. Podemos destacar, na variedade rural utilizada por Chico Bento, termos como: *ara* que corresponde a uma expressão que indica interrogação, espanto, uma forma exclamativa de inicia seu turno; já o termo *ocê*⁵ é a abreviação da palavra *ocê* sendo suprimido a consoante V, numa alofonia já que se trata de uma variação no nível fonológico em decorrência de diferentes fatores (sociais, econômicos, etários e geográfico); o termo *qui* corresponde a outra realização do pronome relativo QUE, que na fala coloquial costuma-se trocar a vogal E pela semivogal I, o mesmo acontece com *pidir* (do verbo pedir) e com a preposição *di* (de).

Ademais, a palavra *agradeço* é realizada com a variável *gardeço*, havendo aqui uma supressão da vogal A (inicial) e a troca fonológica na localização do R; a expressão *carece* é usada como sinônimo de NÃO PRECISA; já *cadinho* é sinônimo de UM POUCO (um pouquinho), e, por fim, a palavra *sar* corresponde a outra realização para a palavra SAL.

A seguir refletimos sobre variações características do português falado na Bahia. Isso por meio também de uma HQ. Procuraremos relacionar tais ocorrências com as que foram observadas a respeito da variedade rural em comparação com a urbana.

4.2 Quadrinho que traz aspectos da linguagem característica na Bahia



Tirinha 2: Turma da Mônica em Sítio do Chico Bento (adaptado para o dialeto baiano).

⁵ A origem etimológica encontra-se na expressão de tratamento de deferência "vossa mercê", que evoluiu sucessivamente a "vossemecê", "vosmecê", "vancê" e você. "Vossa mercê" era um tratamento dado a pessoas às quais não era possível se dirigir pelo pronome tu.

Como o processo de colonização na Bahia foi tão plural a ponto de ocasionar esse leque de variantes dialetais, podemos observar nesta tirinha o dialeto entre a personagem Chico Bento, que representa regiões rurais e a outra personagem que representa a linguagem baiana. Percebemos que a tirinha traz o termo *oxê* colocado no diálogo das personagens, mas Chico Bento usa outra variável para a mesma interjeição *oxente*, típica de outras áreas rurais. O uso de *oxê*, pelo baiano, embora corresponda a outra variável, não muda o conteúdo semântico, significando surpresa com algum fato que esteja acontecendo.

Na sequência, a expressão *abestalhado*, tipicamente nordestina, pode ser realizada de diferentes formas; lembremos o humorista Tiririca, natural do Ceará, que popularizou a forma *abestado*. Tal forma ultrapassou as fronteiras regionais sendo agora nacionalmente reconhecida. Em Pernambuco, essa expressão é bastante utilizada em todas as classes sociais, mas a forma mais comum é, assim como na tirinha em tela, *abestalhado*, referindo-se a pouca inteligência ou mesmo à falta de esperteza do indivíduo, sendo sinônimo de otário (expressão mais urbana), bocó e bocó da mola (expressões mais rurais).

Já a expressão *ave maria*, no baianês, também indica surpresa, espanto, funcionando como uma interjeição. Por sua vez, o termo *bixin*, na fala do baiano, é uma variável de *bixinha* na colocação do Chico Bento, correspondendo a uma forma afetuosa de tratamento para a personagem Rosinha que é posta em condição de inferioridade, pobrezinha, coitada, etc. Há ainda a palavra *ispanta*, uma variação da palavra espanta, aqui ocorre a troca da vogal E pela vogal I. A palavra *mondrongo* significa coisa mal feita; de acabamento ruim. Por fim, ocorre o uso do pronome de tratamento você em uma variante mais popular, regional, *ocê* que, na HQ, representa a fala do baiano, embora seja encontrada em outros estados do nordeste, como por exemplo, em Pernambuco.

Nossa ideia inicial de comparar diferentes realizações do português foi possível, sobretudo, no nível lexical, quando observamos alguns termos como sendo próprios da região nordeste. Já no nível fonológico, observamos semelhanças entre a linguagem rural, representada por Chico Bento, e a linguagem baiana, representada no segundo texto.

Considerações finais

O presente trabalho contribui para melhor identificar as variantes no dialeto do estado da área rural como também na linguagem nordestina representada também no dialeto baianês. Conforme nossos objetivos, comparamos as duas linguagens (rural e baiana) e identificamos diferenças apenas em termos lexicais. Em contrapartida, o aspecto fonológico não nos permite dizer a haja tanta diferença, já que foi recorrente, conforme vimos na análise, a troca da vogal E em final de palavra pela semi-vogal I (como por exemplo, a preposição *de* realizada como *di*, e o pronome relativo *que* realizado como *qui*).

Ademais, mostramos a importância de se utilizar HQs em aulas de português com vistas a também superar preconceitos linguísticos e sociais. Além disso, devemos lembrar que é através dos gêneros textuais que agimos na sociedade.

Referências

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo, Contexto, 1999.

_____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo, Contexto, 2010.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Angela P. Dionísio, Ana Raquel Machado e M^a Auxiliadora Bezerra. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro. Lucerna, 2002, pp. 19-36.

MENDONÇA, Márcia R. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: Angela P. Dionísio, Ana Raquel Machado e M^a Auxiliadora Bezerra. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro. Lucerna, 2002, pp. 194-207.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: Maria Luiza Braga. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística*. 3 ed. São Paulo. Contexto, 2008, pp.9-14.

SOUSA, Mauricio de. *Almanaque temático Turma da Mônica- no parque*. Nº 23. São Paulo. Panni comics, 2012.